

FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

GREICE FERREIRA DA SILVA (UNESP - MARÍLIA-SP).

Resumo

Este trabalho trata de uma pesquisa-ação realizada com uma classe de Pré III de uma escola pública municipal da cidade de Marília-SP, com crianças de cinco e seis anos. A pesquisa tem como objetivos: verificar como a formação de alunos leitores ocorre na Educação Infantil em um processo que considera a leitura como compreensão, envolvendo a apropriação dos significados presentes na situação de leitura, em atividades que façam sentido para o aluno, no contexto das histórias em quadrinhos; identificar as atitudes próprias de um leitor como parte do processo de apropriação da leitura por crianças de cinco e seis anos; verificar como ocorre o processo de atribuição de sentido na leitura desse gênero discursivo; verificar como a metodologia adotada pela professora interferiu no processo de apropriação da leitura dos alunos. Esta pesquisa foi fundamentada no arcabouço teórico de Bakhtin em diálogo com a Teoria Histórico-Cultural, com outros estudiosos sobre a leitura e sobre as histórias em quadrinhos. Teve como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, as falas das crianças e a observação universal. Os instrumentos de análise de dados foram a análise microgenética fundamentada na Teoria Histórico-Cultural e a análise do discurso na perspectiva de Bakhtin. Como resultados aponta-se a modificação da concepção de leitura-decifração para leitura-compreensão e o redimensionamento da prática educativa em que o ensino e a aprendizagem da leitura são movidos pela necessidade e pelo interesse das crianças e estão intimamente relacionados com a produção de sentido num processo interativo. Aponta-se também que a leitura de diferentes gêneros discursivos, bem como as situações de leitura planejadas intencionalmente contribuem para a formação leitora e que o processo de apropriação da leitura pode se iniciar na Educação Infantil, dependendo das condições de vida e de educação das quais as crianças participam.

Palavras-chave:

Formação do leitor, Histórias em quadrinhos, Educação Infantil.

Introdução

A sociedade contemporânea se organiza com o escrito e nesse sentido, ler se constitui numa necessidade vital para participar dessa sociedade.

Desde muito cedo as crianças têm contato próximo com a leitura porque esta se encontra em toda a sociedade mediada pela presença dos escritos sociais. Pode-se dizer que a aprendizagem das crianças na escola é fundamentada na leitura, pois por meio dela se constroem as bases para o entendimento dos diversos conteúdos.

A preocupação de como são organizados e desenvolvidos os processos de ensino e de aprendizagem da leitura e da escrita na Educação Infantil não é recente (FARIA, 2005; FREITAS, 2006; MELLO, 2000). Contudo, as práticas educativas na infância, pautadas no exercício mecânico do ler e do escrever, fazem com que essa questão ainda se faça presente, porque tais práticas não criam necessidades de ler e de escrever uma vez que as crianças não entendem o porquê e para quê devem fazer isso.

Quanto à proposta de formar crianças leitoras e escritoras de textos, Celis (1998: 36 - 37) concebe a aprendizagem como um processo de auto-sócio-construção que cada criança realiza, com o apoio das demais. Entende que a leitura e a escrita têm que estar relacionadas com a experiência da criança, devem ser compatíveis com as exigências funcionais de sua realidade imediata e as suas projeções, para o que se faz necessário reconceitualizar as práticas pedagógicas relacionadas com o ensino e a aprendizagem da língua escrita e o papel do educador, cuja função é mediar essa aprendizagem. Posto isto, a leitura se apresentará como um elemento dinâmico, vivo, ativo, que efetivamente contribuirá na constituição da criança leitora.

O fator desencadeador dessa pesquisa se revelou em uma situação de leitura em que, mediante a apresentação de materiais de leitura portadores de histórias em quadrinhos, a maioria dos sujeitos apresentava desconhecimento desse gênero discursivo. Esse fato foi constatado por meio das observações, falas e questionamentos proferidos pelas crianças e pelo interesse acerca desse gênero.

Referencial Teórico

Este trabalho busca refletir sobre as bases necessárias para a apropriação da leitura pelas crianças na Educação Infantil e sobre a relação dinâmica e ativa da criança com a leitura nesse processo. Para tanto, esta pesquisa se apóia na Teoria Histórico-Cultural que entende o homem como um ser histórico, produto da sua própria história, em outras palavras, um ser que se constitui como humano ao se apropriar da cultura mediado pelos instrumentos culturais objetivos - materiais - como a leitura, a escrita, o uso dos objetos humanos, ou subjetivos - imateriais - como as relações, as interações, as conceitualizações e os parceiros mais experientes. Nesse aspecto, esse instrumento cultural que é a leitura, é apropriado pelo homem, sujeito ativo de suas aprendizagens.

Vygotsky (1995) ressalta que toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes em dois planos: primeiro no plano social e depois no interior psicológico, a princípio como categoria intersíquica e depois no interior da criança como categoria intrapsíquica. Desse modo, por trás de todas as funções superiores e suas relações se encontram as relações sociais, as relações humanas. Todas as funções psíquicas superiores são relações interiorizadas de ordem social, são o fundamento da estrutura social da personalidade. Nessa direção, Vygotsky (1995) elucida que as funções psíquicas superiores são processos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o cálculo, a língua, a escrita e são formadas a partir das experiências acumuladas, e a linguagem oral vai ser um elemento fundamental nesses processos.

É necessário enfatizar que, para que o processo de apropriação das funções psicológicas superiores provoquem o processo de humanização do homem, é fundamental que seus afazeres tenham sentido para ele, isto é, que se constituam como atividade (VYGOTSKY, 1995). Para Leontiev (1988), o fazer humano tem sempre um objetivo e um resultado previsto para a ação. Quando o objetivo que levou o sujeito a agir coincide com o resultado, esse fazer se constitui como atividade para o sujeito. O conceito de atividade é extremamente importante para esta pesquisa, uma vez que o processo de apropriação da cultura pela criança está diretamente relacionado a sua atividade.

Para Vygotsky (1988) a criança desde bem pequena é capaz de estabelecer relações com as outras pessoas e coisas num processo em que percebe e se apropria de significados e atribui sentido a eles. Sendo assim, o que move o desenvolvimento humano são as condições concretas de vida e educação que o

sujeito possui (VYGOTSKY, 1988; LEONTIEV, 1988). Nessa perspectiva, pode-se entender a criança como um sujeito capaz de relacionar-se, de comunicar-se, de interagir, um sujeito criativo, que pode ser desafiado, que internaliza conhecimentos e atribui sentido a eles através das relações sociais de que participa e do lugar que ocupa nessas relações e no mundo (LEONTIEV, 1988).

Considerando estes apontamentos, justifica-se o argumento de que o processo de apropriação da leitura está intimamente relacionado ao desejo de expressão da criança - criado historicamente - uma vez que a criança que tem o que dizer e como dizer, entende o porquê e o para quê faz, o porquê e o para quê lê e assim entende a função social da leitura.

Com relação às práticas de ensino da leitura na escola, estas são subsidiadas por uma maneira de compreender a linguagem. No entanto, muitos professores não estão conscientes da concepção de linguagem ou da teoria lingüística que fundamenta o seu fazer pedagógico, revelando não saber ao certo o porquê e o para quê ensinam de uma determinada forma e não de outra.

Para Bakhtin, a linguagem é fruto da interação verbal entre os sujeitos, em outras palavras, a relação entre os interlocutores funda a linguagem. A linguagem deve ser vista em seu uso, na atitude responsiva do *outro* e, por esse motivo, deve ser compreendida a partir de sua natureza sócio-histórica. Desse modo, a concepção bakhtiniana de linguagem decorre do pressuposto de que o sujeito se constitui à medida que se relaciona com o outro, à medida que vai ao encontro do outro.

A língua vista em seu uso prático está vinculada a um conteúdo ideológico e, dessa forma, seus signos são variáveis e flexíveis e apresentam um caráter mutável, histórico e polissêmico (BAKHTIN, 1992). Para o autor, a língua está em constante movimento, em constante atualização porque se renova, se constrói e se reconstrói nas relações sociais.

Bakhtin (1992) considera que a substância da língua é a interação verbal entre falantes, concretizada pelas enunciações. A enunciação, o ato de comunicação, tem um caráter social, e o produto dessa interação social é o enunciado. O ato de enunciar é o ato de exprimir idéias e sentimentos. Ao conceber o homem como um ser histórico e social, percebe a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, relevando a enunciação e seu contexto.

De acordo com Bakhtin (1992), o homem e a vida são caracterizados pelo princípio dialógico, em que a alteridade marca o ser humano uma vez que o outro é fundamental para a sua constituição. Só ocorre real participação no diálogo se há compreensão. E nesse sentido, pode-se afirmar que dialogar é compreender. A concepção de leitura defendida nesse trabalho é a de leitura como compreensão, como interlocução e produção de sentido. Essa concepção vem ao encontro da concepção bakhtiniana de linguagem que permite pensar a prática educativa e o ensino e a aprendizagem da leitura numa perspectiva dialógica em que as relações travadas com o texto superam a mera decifração e oralização de sinais gráficos.

Pensar a leitura na Educação Infantil e o que é formar leitores nesse período da vida é necessário entender que a criança desde pequena vive imersa numa sociedade do escrito, e por essa razão Jolibert afirma que "ler é construir ativamente a compreensão de um texto, em função do projeto e das necessidades pessoais do momento, o que acontece a partir da educação infantil" (2006: 183). As crianças são capazes de estabelecer relações com o escrito de forma a questioná-lo, de fazer previsões, escolhas, de validar essas antecipações ou não e assim elaborar outras questões e outras respostas.

De acordo com Arena (2003), lemos porque temos necessidades que são criadas pelas relações sociais entre os indivíduos, por tal razão, afirma que não lemos por hábito, gosto ou prazer. Nessa perspectiva, a escola tem o papel de criar essas necessidades de leitura nas crianças, permitindo que elas vivenciem situações reais em que possam participar dessas situações ativamente, sendo sujeitos de suas aprendizagens e percebendo a função social para a qual é destinada.

Considerando esses apontamentos, o papel do professor no processo de aprendizagem da leitura é fundamental e isto desde a Educação Infantil, porque ele é o modelo, e a ele cabe a responsabilidade de criar novas necessidades nas crianças, como a necessidade de ler, o desejo, a vontade de conhecer através da leitura.

Os gêneros discursivos são *tipos relativamente estáveis de enunciados*, que produzidos nas diferentes esferas de utilização da língua, organizam o discurso, ou seja, em cada esfera de atividade social, os falantes utilizam a língua de acordo com gêneros específicos (BAKHTIN, 2003). Sem eles a comunicação seria praticamente impossível, pois a língua só pode se manifestar pelo gênero. Como a variedade da atividade humana é cada vez maior, a diversidade dos gêneros também se amplia e se transforma na medida em que essa atividade se desenvolve e se amplia (BAKHTIN, 2003). Bakhtin (2003) propõe a divisão dos gêneros em dois grupos: os gêneros primários, que são os gêneros mais simples de organização, ligados às relações cotidianas e por isso, não menos importantes. E os gêneros secundários, mais complexos, mais elaborados, mais abstratos, que abrangem os primários, transformando-os.

De acordo com as concepções de Bakhtin, pode-se considerar as histórias em quadrinhos como gêneros secundários porque elas se apropriam do gênero primário diálogo e o transformam em quadrinhos. Além disso, essa relação dialógica, presente nas histórias em quadrinhos, enfoca a interação entre sujeitos que, mediados pela linguagem, produzem discursos tornando-se parceiros de um ato comunicativo. (ROCHA, 2006: 9).

Os gêneros fazem parte da vida das pessoas e são aprendidos no curso de nossas vidas como participantes de determinado grupo social ou membro de alguma comunidade (BAKHTIN, 2003). Portanto, os gêneros devem ser abordados também na escola, mas apresentados sempre em situações reais em que a criança vivencie e interaja com estes, percebendo-os como necessários e essenciais. A escola é o lugar em que ao longo do processo de ensino e de aprendizagem deve aproximar os gêneros vivenciados no cotidiano e os mais elaborados.

Objetivos

Este trabalho apresenta, como objetivo geral, verificar como a formação de alunos leitores ocorre na Educação Infantil em um processo que considera a leitura como compreensão, envolvendo a apropriação dos significados presentes na situação de leitura, em atividades que façam sentido para o aluno, no contexto das histórias em quadrinhos. Como objetivos específicos, a investigação elege: 1) Identificar as atitudes próprias de um leitor como parte do processo de apropriação da leitura por crianças de 5 e 6 anos; 2) Verificar como ocorre o processo de atribuição de sentido na leitura desse gênero discursivo; 3) Verificar como a metodologia adotada pela professora interferiu no processo de apropriação da leitura dos alunos, rompendo com a restrição do uso de histórias em quadrinhos nessa etapa escolar.

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida numa escola pública municipal de Educação Infantil e creche do município de Marília. Participam a professora e os 21 alunos do Pré III - Parcial do período da tarde da referida escola da rede pública de ensino, com idades entre cinco e seis anos. Esta investigação científica foi desenvolvida pela pesquisa-ação e se priorizou a relação dialógica entre pesquisador e pesquisados, na qual o pesquisador foi parte integrante do processo de investigação. Portanto, o pesquisador desempenhou um papel ativo na resolução de problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas.

Acredita-se que essa metodologia foi a mais adequada para a referida pesquisa porque se buscou efetivar ações transformadoras que modificassem a situação inicial constatada. Os procedimentos metodológicos envolveram entrevistas semi-estruturadas com as professoras dos dois anos anteriores dos sujeitos (pré I e pré II), com o objetivo de verificar se a concepção de leitura das professoras interfere no interesse dos alunos quanto à leitura, no modo como os alunos percebem a função social da leitura, na escolha do material de que se utilizam em suas aulas; entrevistas com os alunos da pesquisa e observações com o objetivo de coletar dados sobre a situação inicial dos sujeitos antes da interferência da pesquisa-ação, para no final do projeto ser possível comparar dados iniciais e finais. Por meio dos dados coletados foram elaboradas atividades que favorecessem a interação do aluno com as histórias em quadrinhos e para a realização dessas situações de leitura de histórias em quadrinhos foram utilizadas jornais, gibis e livros como suportes desse gênero discursivo. Os critérios definidos para a seleção dos materiais a serem utilizados foram concernentes aos objetivos educacionais que se desejava, a adequação em termos de temática e de linguagem apropriadas às idades dos sujeitos da pesquisa, a presença dos diferentes e específicos elementos característicos dos quadrinhos e a qualidade gráfica ao uso pretendido.

Selecionado o material, foram planejadas intencionalmente as atividades para introduzir a leitura de histórias em quadrinhos com as crianças, estando essas atividades e os procedimentos (estratégias) de ensino da leitura sujeitos às possíveis alterações de acordo com os questionamentos, atitudes e interesses dos alunos e também aos objetivos do trabalho proposto. Houve a organização dos tempos e espaços destinados às leituras de histórias em quadrinhos enfatizando a mediação da professora e a relação dialógica em todo o processo. Esta pesquisa teve como instrumento de análise de dados a abordagem microgenética fundamentada na Teoria Histórico-Cultural e a análise de discurso na perspectiva de Bakhtin.

Resultados

Como resultados, pode-se apontar a modificação da concepção de leitura-decifração para leitura-compreensão, o redimensionamento da prática educativa em que o ensino e a aprendizagem da leitura são movidos pela necessidade e pelo interesse das crianças e estão intimamente relacionados com a produção de sentido num processo interativo. Aponta-se também que a leitura de diferentes gêneros discursivos, bem como as situações planejadas intencionalmente contribuem para a formação leitora e que o processo de apropriação da leitura pode se iniciar na Educação Infantil, dependendo das condições de vida e de educação das quais as crianças participam.

O dado a seguir é denotativo dos resultados apresentados nessa pesquisa e da apropriação da leitura pelas crianças por meio das histórias em quadrinhos.

Depois que os alunos lancharam, foram ao tanque de areia para brincar seguindo o horário da rotina da turma. A professora levou propositalmente uma pequena caixa com gibis e deixou-a próxima ao tanque de areia. Esse ambiente, assim como o parque da escola, é o preferido pelas crianças. Os alunos pegaram as pás e os baldes de areia e começaram a brincar. Passados dez minutos, um dos alunos saiu do tanque de areia, pegou um gibi da caixa e voltou para dentro do tanque sem nada falar. Primeiramente encostou-se e ficou agachado no muro, folheando e observando o gibi. Após cinco minutos, o menino colocou o gibi na areia e começou a revirá-la, cavando. A professora continuou observando. Ela percebeu que gradativamente a areia com a qual o menino mexia tomava forma. Enfim, o menino fez um monte de areia, apertou-o bem e deitou sua cabeça nesse monte como se fosse um travesseiro e o buraco que ficou seguido do monte, se tornou uma cama na qual ele se deitou. Pegou novamente o gibi que estava ao seu lado, abriu-o e passou quase cerca de trinta minutos folheando-o. Em alguns momentos sorria, em outros fazia expressões faciais diferenciadas. Enquanto tudo isso ocorria, as demais crianças brincavam. Terminado o horário destinado a brincar nesse ambiente, a professora orientou os alunos que guardassem os materiais usados durante a brincadeira porque teriam que se preparar para ir para casa. O menino se levantou da "cama" de areia e pediu a professora para levar o gibi para casa porque queria terminar de ler. Ela concordou imediatamente com o pedido. Quando sua mãe chegou para pegá-lo, ele prontamente disse a ela: "Hoje eu vou ler esse gibi antes de dormir".

(Situação observada no dia 05/10/07)

As atitudes dessa criança de seis anos são denotativas de que ler gibi naquele momento era mais importante que brincar na areia com os amigos, embora tivesse essa atitude dentro do próprio tanque de areia e essa atitude indicasse que a criança poderia estar brincando de ler.

É possível verificar que a criança não participa das brincadeiras ao seu redor e não demonstra nenhum tipo de reação às falas e conversas dos seus amigos. Contudo, observa-se que não sai do tanque de areia para ler, mas permanece dentro dele e prepara o seu lugar de leitura. Desse modo, com a pá que tinha nas mãos, faz um travesseiro de areia no qual se deita para ler como se estivesse numa cama. Num primeiro momento, pode-se dizer que essa criança está se apropriando das formas de ação humana constituídas pelo ato de ler, buscando compreender o que venha a ser um leitor. Isso se dá quando, por exemplo, ela sai do tanque de areia para pegar um gibi e retorna ao mesmo ambiente, adequando-o aos seus interesses para que pudesse ler.

A presença dos materiais de leitura deixados propositalmente próximos do lugar em que as crianças brincavam pode ter provocado o menino a realizar a atividade de leitura naquele lugar. Com as propostas de leitura de histórias em quadrinhos planejadas intencionalmente e negociadas com as crianças durante todo o processo, pode-se perceber que esse menino passou a se envolver com elas gradativamente, pois a princípio, mesmo com a minha solicitação, ele continuava a brincar e a conversar com um outro colega de turma durante as leituras feitas pela professora. No decorrer do trabalho, em meio a uma proposta dialógica de ensino e de aprendizagem da leitura aliada à mediação da professora e de outros pares mais avançados - crianças da mesma turma e familiares - essa criança começou a participar ativamente das leituras, passando a opinar, a prever acontecimentos, a interagir com a professora, com o texto e com as outras crianças e a emprestar gibis e outros suportes de histórias em quadrinhos da biblioteca da sala para ler depois de realizar as tarefas solicitadas.

No caso analisado, a atitude do garoto de ler o gibi dentro do tanque de areia, enquanto todas as outras crianças brincavam nesse mesmo lugar, indica que de uma atividade lúdica ele foi provocado a realizar a atividade de leitura, o que pode ser denotativo de que essa criança paulatinamente iniciava sua inserção nas atividades escolares. Contudo, há um outro fato relevante, o de que ele não somente permaneceu no tanque de areia, mas que também preparou esse ambiente para ler. Disso é possível inferir que esse menino percebe que há lugares, momentos e modos de ler e que dessa maneira, a leitura é uma prática cultural. Esses indícios se confirmam na fala do referido menino quando ele pede à professora para levar o gibi para ler em casa e ao dizer para a mãe que vai ler o gibi emprestado pela professora antes de dormir, quando ela vai buscá-lo no término da aula. Possivelmente vai se situar em cenário semelhante, constituído por sua própria cama e seu próprio travesseiro, em vez da areia.

Os risos, as expressões faciais e os movimentos rápidos dos olhos sobre o texto demonstravam concentração e envolvimento no ato de ler, demonstravam atitudes leitoras. Essa criança parecia estar envolvida nesse fazer e a apropriação do ato de ler se dava na reprodução do comportamento humano nessa atividade.

Essa apropriação envolve a leitura como uma prática cultural que é historicamente aprendida e, por esse motivo, se transforma de acordo com a época, a situação, o lugar, os materiais, o interesse e a necessidade do leitor. É necessário destacar que a criança pré-escolar assimila melhor e mais rapidamente por meio da brincadeira ou do jogo porque a atividade principal da criança nessa fase é o brincar, o faz-de-conta (VYGOTSKY, 1995; MELLO, 2007). Atividade principal é a atividade pela qual a criança melhor se relaciona com o mundo físico, o mundo dos objetos; organiza e reorganiza os processos de pensamento, memória. É por meio dela que ocorrem as mudanças mais significativas nos processos psíquicos e nos traços da personalidade em formação (LEONTIEV, 1988; MELLO, s.d).

Nesse sentido, pode-se assinalar que a criança que leu o gibi dentro do tanque de areia como se estivesse deitado numa cama que preparou, imitou uma ação do adulto que anteriormente já testemunhara. Esse fato demonstra que essa criança se apropria da cultura humana não somente pela imitação, mas também por meio dela, uma vez que ela reproduz, porém de forma única, irrepetível e ativa, as atitudes de quem tenta compreender o gesto humano de ler e a própria leitura.

Referência bibliográfica

ARENA, D. B. *Bakhtin e Alfabetização*. Educação, Santa Maria - RS, v.17, p. 71 - 89, 1992.

_____. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, M. R. L. (Org.). *Atuação de professores: propostas para a ação reflexiva no ensino fundamental*. Araraquara: JM, 2003. p. 53 - 61.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5.ed. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CELIS, G.I. de. *Aprender a formar crianças leitoras e escritoras*. Oficina de formação docente. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Org.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas: Autores Associados, 2002. (Coleção Educação Contemporânea).

FREITAS, M. T. A. *O pensamento de Vygotsky e Bakhtin no Brasil*. 2.ed. Campinas: Papirus, 1994.

GOES, M. C. R. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Caderno Cedes*, ano 20, n. 50, abr. 2000. Disponível em: http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S010132622000000100002&ing=es&nrm=iso&ting=pt . Acesso em 2 fev.2008.

JOLIBERT, J. *Além dos muros da escola: a escrita como ponte entre alunos e comunidade*. Tradução Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LEONTIEV, A. N. In: *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

_____. Uma contribuição para a Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. SP: Ícone/EDUSP, 1988. p. 59 - 83.

MELLO, S.A. Algumas Implicações Pedagógicas da Escola de Vygotsky para a Educação Infantil. *Pro-Posições*, Campinas, v.10, n.1, p. 16 - 27, 1999.

_____. Concepção de criança e democracia na escola da infância: a experiência de Reggio-Emília. In: *Cadernos da FFC - Marília: Unesp*. v. 9, n. 1, 2000, p. 83 - 93.

_____. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva da teoria histórico-cultural. In: *Perspectiva: Revista do Centro de Educação e Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 25, n. 1, 83 - 104, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br/> . Acessado em 20 fev 2008.

_____. *A educação de três a seis anos*. Marília: [s.n], [s.d]. Mimeografado

ROCHA, Viviane Sobral Ribas. Introdução. In: *A construção do sentido em tiras*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada). Porto Alegre: PUCRS, 2006.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1986.

VERGUEIRO, V. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2006. (Coleção Como usar na sala de aula).

VIGOTSKI, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. SP: Ícone/EDUSP, 1988. p. 103 - 117.

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, S.A. 1995.